



MONTAÇÕES E REPRESENTATIVIDADE: UMA ANÁLISE IMAGÉTICA DE *DRAG QUEENS* NAS CAPAS DA REVISTA DE MODA BRASILEIRA VOGUE

Fabiano Eloy Atílio Batista¹

fabiano_jfmg@hotmail.com

Glauber Soares Junior²

glaubersoares196@hotmail.com

RESUMO:

A partir de uma análise imagética da representação de *Drag Queens*, buscamos tencionar reflexões acerca de questões relativas a diversidade e inclusão. Metodologicamente, o artigo se caracteriza como do tipo “descritivo-exploratório”. O *corpus* foi composto por 04 capas da revista ‘Vogue Brasil’ veiculadas no mês de outubro de 2020. As análises se deram a partir da perspectiva da “Análise da Imagem”. Enquanto resultados podemos destacar que a veiculação da arte Drag nos meios midiáticos, como as revistas de moda, torna-se empoderador para esse grupo social, sobretudo, em um país onde a discriminação em torno desses atores sociais é tão presente.

PALAVRA-CHAVE:

Mídia; Representação Social; Drag Queens; Revista de Moda;

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração em Família e Sociedade - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura. Possui graduação em Tecnologia em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá - Juiz de Fora/MG. Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF).

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração 'Família e Sociedade' - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa 'Trabalho, Consumo e Cultura'. Possui graduação em Tecnologia em Design de Moda pelo 'Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Muriaé'.

1 .INTRODUÇÃO

“Todos nascemos pelados e o resto é *DRAG*”
Rupaul

Nos últimos anos, presenciamos fortes discussões a respeito da importância das questões acerca das representatividades sociais, nesse sentido, as *Drag Queens* – parcela social muita das vezes incompreendida socialmente e antes vista como subversiva pela sociedade – tem ganhado cada vez mais destaque nas mais diversas mídias e espaços de sociabilidade, muito disso se deve, em grande parte, pelo grande reconhecimento propagado pelo programa *RuPaul’s Drag Race*³ (LIU, 2016; SANTOS, *et. al.*; 2017; JACQUES e CARVALHO, 2018; SANTOS, 2019; MESQUITA, 2019; BRAGANÇA, 2019; NASCIMENTO, *et. al.*; 2020, entre outros).

Contudo, devemos entender que, enquanto arte, *ser/estar Drag Queen* não é algo novo.

De acordo com análises de João Silvério Trevisan (2000), temos um marco significativo, a partir da década de 1990, em que se pode observar um momento crescente do “surgimento” (quantitativamente) das *Drag Queens* no Brasil. Entretanto, o autor é enfático ao afirmar que, há relatos dessa arte, como por exemplo, de Laura Vison, vinte anos antes.

Nesse sentido, é importante destacar que segundo Pinhoni e Oliveira (2020), Eduardo Albarella, conhecido popularmente como Miss Biá foi uma das – senão a – *Drag Queens* pioneiras no Brasil. Benício (2020), endossa essa afirmativa ao dizer que Miss Biá seria a “Hebe Camargo dos LGBT’s”, a primeira *Drag Queen* brasileira que começou a se personificar no ano de 1958. Ainda, seguinte esse breve resgate histórico em âmbito nacional, Amanajás (2014) nos questiona:

[...] quem não se lembra da Vovó Mafalda ou de Vera Verão, ou de qualquer uma das mais de 50 personagens femininas construídas por Chico Anysio? E das frequentes aparições de algum dos trapalhões vestidos em drag? Ou, retrocedendo um pouco mais, no começo do cinema no Brasil, com Grande Otelo e Oscarito? (AMANAJÁS, 2014, p. 20)

Se pensarmos em âmbito mundial, a história do *ser/estar Drag* é muito mais antiga. Não podemos demarcar um período exato de quando essa arte tenha surgido, entretanto, Baker (1995) relata que as *Drag* (embora nem sempre denominadas dessa maneira) sempre se apresentaram em duas frentes: 1 – rituais pagãos; 2 – personagens trágicos na Grécia antiga.

³ Reality Show televisivo estadunidense criado e apresentado pela *Drag Queen superstar* americana RuPaul em 2009. Trata-se de uma competição cuja finalidade é escolher a melhor *Drag Queen* dos Estados Unidos – embora possam participar pessoas de outras nacionalidades, desde que resida no país citado. O programa é considerado vanguardista de um prospecto histórico, pois apresenta uma valorização da arte *Drag* e constrói uma visão humanizada desses sujeitos.

No mais, em face a avanços oriundos de anos de resistência, a arte *Drag* se encontra presente, mais veementemente, nos dias atuais e podem ser vistas em programas de televisão e de rádio, no cinema, na internet, e agora nas capas de revista de Moda. Essa projeção é fruto, especialmente, de um reconhecimento social que as transformaram, para além dos espaços das boates, em figuras midiáticas, oportunizando,

[...] uma aura celebratória da cultura drag, além de recriarem a visão das drag queens como celebridades. Com isso, proliferam-se programas e figuras midiáticas drag. Podemos citar, para além das conhecidas cantoras drag, programas de televisão como o *Drag me as a Queen* do canal E!, apresentado pelas drag queens Penelopy Jean, Rita von Hunty e Ikaro Kadoshi; a websérie *Academia de Drags*, apresentada por Silvetty Montilla; o sucesso de Lorelay Fox e seu canal no YouTube; e a primeira animação protagonizada por drag queens, *Super Drags*, disponibilizada pela Netflix, entre outros (BRAGANÇA, 2020, p538).

Portanto, essa pesquisa, que possui enquanto temática investigativa a representatividade de *Drag Queens* nas capas da revista de moda brasileira *Vogue*, trata-se, sobretudo, de reflexões sobre as relações entre moda, representatividade e diversidade.

Metodologicamente, esse estudo se caracteriza como de “natureza qualitativa”, do tipo “descritivo-exploratório” (LAKATOS; MARCONI, 2003). Por meio do qual, buscou-se analisar, descrever e compreender os significados presentes nas imagens veiculadas nas capas da revista de moda brasileira *Vogue* buscando, por finalidade, compreender como estas capas expressam, em certo modo, informações visuais que tencionam e dialogam com discussões atuais presentes em nossa cultura.

Para composição do *corpus* de pesquisa foi empregado o “método documental” (LAKATOS; MARCONI, 2003), se configurando neste estudo enquanto 04 capas da revista de moda brasileira *Vogue*, veiculadas no mês de outubro de 2020 e tendo como lema: “*celebrar a liberdade de ser quem é*”.

Tabela 01 – Especificidades das capas analisadas

Capa da revista <i>Vogue</i> (CRV)	Produção da Capa	Modelos que estampa a capa	Mês e ano de publicação	Meio de veiculação
CRV.01	Hick Duarte	Gloria Groove (Daniel Garcia Felicione Napoleão)	Outubro/2020	Impressa
CRV.02	Hick Duarte	Bianca DellaFancy (Felippe Souza)	Outubro/2020	Virtual
CRV.03	Hick Duarte	Halessia Rockefeller (Felipe Cavina)	Outubro/2020	Virtual

CRV.04	Hick Duarte	Pablo Vittar (Phabullo Rodrigues da Silva)	Outubro/2020	Impressa
--------	-------------	---	--------------	----------

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

A seleção dessas revistas se deu, dentre diversos fatores, por serem, no campo da Moda, as mais populares nacionalmente. Ainda, pelo renome internacional das publicações, pois a revista possui versões em diversos outros países – impressas e digitais. Por fim, a escolha dessas 04 capas se deu por veicularem, pela primeira vez (a nível mundial), figuras de *Drag queens* como protagonistas de suas edições, conforme veiculado na mídia⁴.

As análises do referido material se deram mediante a técnica de “análise da imagem” proposta por Martine Joly (1994), onde buscou-se compreender os diversos signos e símbolos presentes nas produções imagéticas com a finalidade de inferir conhecimentos sobre a produção das imagens e como estas se configuram como elementos que dialogam com demandas da nossa sociedade.

2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Antes de adentrar nas análises propostas pelo trabalho, acredita-se que é importante apresentar, mesmo que de maneira breve alguns apontamentos a cerca da teoria das representações sociais, na medida em que, de acordo com Alexandre (2001, p. 123), tais representações interligam “[...] práticas culturais, reunindo tanto o peso da história e da tradição, como a flexibilidade da realidade contemporânea, simbólicas desenhadas tanto pela duração e manutenção, como pela inovação e constantes transformações”.

A teoria a cerca das representações sociais foi desenvolvida em 1978 pelo psicólogo social romeno naturalizado francês Serge Moscovici. Tal teoria evidenciou um modo inovador de refletir “as relações sociais e as formas de produção e reprodução da realidade com base nos sistemas de conhecimento construídos coletivamente” (CEZAR; FANTINEL, 2018, p. 477). A teoria das representações sociais para o autor supracitado é um conceito construído por múltiplas disciplinas como a antropologia e a psicologia, por exemplo. Através deste conceito, questiona-se o pensamento científico como o único legítimo e principalmente, consegue-se compreender como se dão as construções dos fenômenos da sociedade. Através disso, faz-se possível entender também como se dá o processo de influência que ocorre entre as pessoas por meio da comunicação (MOSCOVICI, 2009[1978]).

⁴ Informações disponíveis em: <https://lifestyle.r7.com/beleza/pablo-vittar-faz-historia-como-1-drag-queen-na-capa-da-vogue-28092020>; <https://www.publico.pt/2020/09/29/imp/par/noticia/outubro-ha-drag-queens-capa-vogue-brasil-1933262>; https://jornaisvirtuais.com.br/pablo-vittar-faz-historia-como-1a-drag-queen-na-capa-da-vogue-lifestyle/?fbclid=IwARot_zlYaj-3639x0Haal3SgFqacDbKo-N6ZbjT6NQNoFeFouhRSQbfBpfc; entre outros sites.

Com aporte no conceito de representações sociais, Alexandre (2001, p.113) elucida que por esse ângulo, na comunicação, a representação está relacionada com práticas sócias e ocorre quando uma pessoa gera influências sob outra, tendo como elementos essenciais o “emissor, o receptor, a mensagem, o código e o veículo”. Nesse sentido, o autor frisa a importância dessa comunicação na medida em que a mesma é capaz de gerar impactos socioeconômicos, políticos e até ideológicos. As representações nesse contexto são tidas como meios de informação, em que são transmitidos conhecimentos, fazendo-se possível ocorrer mudanças e avanços em uma sociedade. Dessa forma, “[...] a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e, sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações” (ALEXANDRE, 2001, p. 123).

A partir do entendimento do referido conceito, seguiremos para a análise das revistas, que serviram como material analítico da pesquisa. Importante destacar que as revistas fazem parte da comunicação de massa – aquelas que são direcionadas para um público extenso. Antes, é de suma importância trazer alguns apontamos para situar nosso leitor sobre as discussões que iremos abordar ao longo desse estudo – mesmo que de maneira sintética.

Ser e estar *Drag Queen* não implica necessariamente nas questões que tange aos aspectos ligados a sexualidade ou a identidade de gênero dos sujeitos – embora nossos protagonistas que ilustram as capas sejam homossexuais, pouca relação isso tem. Trata-se, sobretudo, de uma personagem criada, uma personificação de uma certa feminilidade (posta culturalmente e variável no tempo e espaço), diz respeito a uma expressão artística, a uma representação, mas, é importante pontuar que *Drag* é, sobretudo, “[...] um posicionamento artístico e político” (AMANAJÁS, 2014, p.01).

Ser/Estar *Drag* não implica nenhum marcador social de gênero ou de sexualidade, assim, qualquer sujeito – desde que se identifique com essa arte, pode experienciar esse universo.

Ainda, antes de iniciarmos nossas análises, propriamente dita, é de suma importância que pontuemos, ao nosso leitor, quem são os atores sociais que estampam as capas que ora nos servem de material analítico – a partir de uma análise descritiva.

No Brasil, embora a figura *Drag* não seja nova na mídia do país – como já enfatizado, foi quando Pablllo Vittar (Figura 01), “viralizou”⁵ na internet no ano de 2015, ao fazer uma paródia da música *Lean On*, canção mundialmente famosa de Major Lazer⁶, que a cultura *Drag* se dissipou de maneira significativa na mídia brasileira. De acordo com a revista ‘Purepeople’ (s.d), Phabullo Rodrigues da Silva, popularmente conhecido como Pablllo Vittar, é uma *Drag Queen* cantora e compositora brasileira. Em 2015 a artista lançou seu primeiro EP e realizou shows pelo país. Pablllo tornou-se nacionalmente conhecida no ano de 2016 ao integrar o programa televisivo da

⁵ Termo utilizado, principalmente nas mídias digitais para designar algo ou alguma pessoa que fez muito sucesso em um determinado período de tempo.

⁶ Grupo de música eletrônica.

Rede Globo de Televisão ‘Amor & Sexo’, que era apresentado pela modelo, atriz e apresentadora brasileira Fernanda Lima.

De acordo com a matéria publicada na revista Vogue (2019), no ano de 2019, Pabllo Vittar tornou-se a primeira Drag Queen do planeta a vencer uma premiação do EMA⁷ – eleita a Melhor Artista Brasileira do ano –, sendo também a primeira brasileira a se apresentar no evento. Em 2020, Pabllo pela segunda vez consecutiva venceu o mesmo prêmio no evento supracitado.

Em outubro de 2020, Pabllo Vittar foi uma das quatro Drag Queens a estamparem uma capa da revista Vogue em seu formato impresso. Em sua conta da rede social Instagram, a artista comemorou esse feito com os dizeres: “Muito feliz em ser capa da Vogue Brasil e mostrar que podemos ocupar todos os espaços”, esmiuçando a importância de tamanho reconhecimento e representatividade.

Figura 01 - Pabllo Vittar



Fonte: Imagens do Instagram da Vogue Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/voguebrasil/>. Acessadas em 25 de nov. 2020

Outro artista a estampar uma das capas da edição virtual da Revista Vogue foi Felipe Cavina, popularmente conhecido como Halessia Rockefeller (Figura 02), obteve fama na internet através de suas maquiagens elaboradas e de suas *performances* registradas em seu canal do *YouTube*. Atualmente, a *Drag Queen*, que também é modelo e DJ, é seguida por mais de 260 mil pessoas em seu Instagram e mantém um canal de conteúdos no *YouTube*, publicando vídeos semanalmente.

⁷ MTV Europe Music Awards. Uma premiação musical da emissora MTV Europe, criada no ano de 1994.

Figura 02 – Halessia Rockefeller



Fonte: Imagens do Instagram da Vogue Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/voguebrasil/>. Acessadas em 25 de nov. 2020

Outra Drag Queen destacada na capa da revista Vogue foi Glória Groove (Figura 03). Glória é *alter ego* de Daniel Garcia Felicione Napoleão. Ela é cantora, *rapper* e dubladora e uma das mais famosas *queens* brasileiras, possuindo dois álbuns e muitas músicas de sucesso nacional, estando constantemente presente em programas televisivos do país. Em entrevista para coluna do jornalista Léo Dias (DIAS, 2020, s/p.), Glória Groove afirmou que: “[...] me ver refletida em outros artistas foi o que me trouxe até aqui. É muito gratificante saber que posso ser esse espelho pra toda uma nova geração. Ter duas drag queens estampando a capa da Vogue Brasil é o resultado de nosso talento, esforço e potência artística”

Figura 02 – Gloria Groove



Fonte: Imagens do Instagram da Vogue Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/voguebrasil/>. Acessadas em 25 de nov. 2020

Finalmente, a última *Drag* a estampar a capa da revista supracitada, mas não menos importante, foi Bianca DellaFancy (Figura 2 à direita). Bianca é nome artístico de Felipe Souza.

A Drag tornou-se amplamente conhecida através de seu canal do *YouTube*, que conta com mais de 203 mil inscritos. Um dos principais quadros produzidos em seu canal, a artista maquia personalidades do universo LGBTQIA+ ao mesmo tempo em que conversam sobre questões de vida, do social, entre outros assuntos pertinentes a essa comunidade. Ademais, DellaFancy é modelo e designer, tornando-a uma das principais personalidades *Drags* do país.

Figura 04 – Bianca DellaFancy



Fonte: Imagens do Instagram da Vogue Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/voguebrasil/>. Acessadas em 25 de nov. 2020

A partir das análises descritivas preliminares das modelos que ilustram as capas acima, iremos nos propor a tencionar algumas reflexões sobre a importância da representatividade desses atores sociais, pois, partindo da compreensão de um contexto sócio, histórico, político e cultural a veiculação dessas imagens “[...] influenciam intensamente na formação e transformação de hábitos e formas de pensar. Com seus poderes [...] criam e impõem, direta ou indiretamente, ideais, valores, crenças, sonhos e expectativas” (ROCKENBACH, 2009, p.12), que afeta, por conseguinte, a realidade de diversos outros sujeitos.

Destaca-se, a priori, que a representação dessas Drag nas capas da revista tona-se, em certa medida, uma mola propulsora para uma abertura de discussões, necessárias, em torno dessa arte, e também sob as discussões de gênero e sexualidade – uma vez que, em especial no senso comum, tais instâncias sejam por vezes compreendidas de forma única.

A veiculação dessas imagens humaniza esses sujeitos que, durante um longo período de tempo (e quem sabe até hoje) são incompreendidos, satirizados, e são, em muitos casos, compreendidos de maneira negativa como transgressores de uma determinada ordem hegemônica (pautada com base no homem-cis-hétero-branco). Nesse sentido, esses atos performativos questionam uma ordem social posta, abrindo, por finalidade, caminhos para que outros corpos/modos de ser-estar-existir sejam possíveis na trama social. Ainda, essa veiculação contribui para esses sujeitos deixem de ser somente vistos a partir de certa comicidade e sejam valorizados em lugares de destaques (NASCIMENTO, et. al; 2020).

A veiculação dessas capas ainda permite, em grande parte, uma identificação por parte de um grupo social (em especial por pessoas que exercem a mesma arte), pois, permitirá que

eles se sintam representados. Destaca-se ainda a, importante, representatividade de dois corpos negros/pretos nas edições da revista Vogue (Figura 02 – Gloria Groove e Bianca DellaFancy) que se configura ainda mais como um espaço de representação social.

Então, constata-se que na atualidade, revistas de moda detém de forte relevância social, pois se trata de um tipo midiático que gera influências na apresentação de padrões comportamentais e estéticos, auxiliando no processo de construção de identidades pessoais e coletivas.

Entretanto, apesar dos múltiplos aspectos positivos da veiculação dessas imagens nas capas da revista, precisamos apontar alguns aspectos que, a princípio, podem gerar algumas reflexões necessárias.

Primeiro, há, em certo modo, um padrão estético e corporal, pautado em valores sociais de beleza vigente em nossa cultura, que “[...] são vistos como mais legítimos que outros, especialmente os corpos que lidam com as questões de gênero de uma forma não normativa, reafirmando noções heterossexualizadas que oprimem a comunidade em diferentes níveis” (BRAGANÇA, 2020, p. 537).

Fato esse que podemos observar a partir da imagem a seguir (figura 05), onde no mês de setembro – ou seja, um mês antes das publicações das capas em análises, o artista, educador e ativista ambiental Emerson Munduruku (Uyra Sodoma) estampou a capa da mesma revista, porém, não obteve tanta repercussão midiática como as demais celebridades *Drag*. Talvez, a partir da observação da imagem da capa, Uyra Sodoma não se encaixa dentro dos padrões normativos e das noções heterossexualizadas impostas e crivadas em nossa sociedade. Sua arte *Drag* é mais performativa e artística, não se aproximando, em certa medida, de padrões socioculturais de feminilidade. Nesse sentido, uma vez tão valorizado certos aspectos corporais em detrimentos a outros em nossa sociedade, a capa não obteve tanta repercussão.

Figura 05 – Uyra Sodoma



Fonte: Imagens do Instagram da Vogue Brasil, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CErHGr4FBDA/?utm_source=ig_embed. Acessado em 30 de nov.

Segundo, não há uma veiculação de outros padrões corporais (gordos, deficientes, entre outros, por exemplo), são corpos padrões, impostos culturalmente como aceitáveis e passáveis, que poderá, em certa medida, criar certos “estigmas” (GOFFMAN, 1978), em especial as demais *Drag* que não se encaixam nesses padrões, ocasionando, por conseguinte uma série de sofrimentos e angústias, por exemplo. A não veiculação de outros modelos corporais gera, em certa medida, uma exclusão de vários sujeitos da trama social.

Terceiro, tendo em vista todo um histórico da arte *Drag* (nacionalmente e mundialmente), em certa medida, as veiculações dessas imagens podem ser entendidas como uma forma/subterfugio de atrair a “simpatia” de uma determinada comunidade (em especial a LGBTQIA+), ou, como uma forma de se adequar a certas demandas sociais –amplamente difundidas socialmente, pois, “as empresas passaram a buscar associações de suas marcas com elementos de diversidade, para poder penetrar no lucrativo mercado consumidor representado por esta nova geração” (BAGGIO, 2009, p. 09), ainda, de acordo com Baggio (2009, p.14), “as empresas têm sido muito cobradas por atitudes socialmente responsáveis. Isso também passa pela comunicação e pelos valores veiculados em suas campanhas publicitárias”. Ou seja, há uma via de mão dupla nessas veiculações onde “todos ganham com isso, inclusive as próprias empresas” (BAGGIO, 2009, p. 14).

Ademais, ressaltamos que a veiculação dessas artistas *Drag Queen* nas capas da revista *Vogue* – impressa ou virtual, funciona como um mecanismo de empoderamento desses sujeitos e dessa arte num país (como é o caso do Brasil⁸) onde a discriminação e a violência, em especial contra a comunidade LGBTQIA+ se apresenta de forma tão latente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não buscamos, nesse artigo, esgotar as discussões em torno dessa temática, mas, sobretudo, propor reflexões sobre as representações desses atores sociais nos meios midiáticos e como estas se configuram como mecanismo de suma importância para trazer à tona certas realidades e pautas necessárias a serem discutidas.

A veiculação dessas imagens nas capas da revista de moda, em certa medida, realoca a arte da cultura *Drag* brasileira, retirando-a de certo lugares e interpretações estereotipadas para o cotidiano, para o convencional, humanizando-as. Portanto, como menciona Hicks (2013, p. 158), as “*Drag queens* não são mais vistas apenas como espetáculos, elas estão sendo celebradas como talentosas performistas”. Legitimando, por conseguinte, uma nova imagem dessas artistas.

Ainda, a representação dessas artistas nas capas da revista não se restringe somente a uma conquista da arte *Drag*. Uma vez que seus interpretes são homossexuais, tal veiculação, reflete, por finalidade, uma conquista de todo um movimento – historicamente marginalizado, como o LGBTQIA+. Nesse sentido, como apregoa Barker (2014), os avanços em pautas

⁸ Brasil é o país que mais mata LGBT. Disponível em: <https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/55696/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbt-afirma-presidente-do-grupo-alianca.html>

pertinentes, como as representações desses sujeitos, oportunizam e encorajam outras frentes dessa mesma comunidade a se organizarem por direitos e representatividade em diversas esferas sociais.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. O PAPEL DA MÍDIA NA DIFUSÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, dez. 2001. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>.

Acesso em: 02 dez. 2020.

AMANAJÁS, I. A. Drag Queen: Um Percurso pela Arte dos Atores Transformistas. **Revista Belas Artes**, v. 1, p. 1-24, 2014. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-umpercurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

BAGGIO, A. T. A temática homossexual na publicidade: representação e estereótipos. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1146-1.pdf>. Acessado em 27 de nov. 2020.

BAKER, R. **Drag: The History of Female Impersonation in the Performing Arts**. New York: New York University Press. 1995.

BARKER, C. O movimento como um todo: ondas e crises. **Revista Outubro**, n. 22, 2º semestre de 2014, p. 5-34. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/o-movimento-como-um-todo-ondas-e-crises-2/>. Acessado em 02 de dez. de 2020

BENÍCIO, J. **Covid-19 mata Miss Biá, drag pioneira e 'Hebe das gays'**. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/covid-19-mata-miss-bia-drag-pioneira-e-hebe-das-gays,c31f99db6ea050aeb3e4a578fd0b9321fayr83ap.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BRAGANÇA, L. Fragmentos da babadeirai história drag brasileira. **Reciis** – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2019 jul.-set.;13(3):525-39. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016683/1733-7346-1-pb.pdf>. Acessado em 25 de nov. 2020.

CEZAR, L; FANTINEL, L. The sales of craft over a Lively Talk and a cup of Coffee: social representations in a commercialization center of solidarity economy. **Brazilian Business Review**, [s.l.], v. 15, n. 5, p. 475-493, 1 set. 2018. Fucape Business School. <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2018.15.5.5>. Disponível em: <http://bbronline.com.br/index.php/bbr/article/view/379>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DIAS, L. **Gloria Groove fala sobre capa da Vogue: “Resultado do talento e esforço”**, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/leo-dias/gloria-groove-fala-sobre-capa-da-vogue-resultado-do-talento-e-esforco>. Acessado em 02 de dez. de 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

HICKS, J. "Can I get an amen?": Marginalized Communities and Self-Love on RuPaul's Drag Race. In: DEMORY, P.; PULLEN, C. **Queer love in film and television: Criticalessays**. Palgrave Macmillan, 2013.

JACQUES, J; CARVALHO, M. L. I am the future of drag: A drag mal interpretada em Rupaul's Drag Race. *Temática*; Ano XIV, n. 2. Fevereiro/2018. NAMID/UFPB. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/38345/19406>. Acessado em 02 de dez. de 2020.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Ed.70: Lisboa, 1994.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A.; **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIU, D. S. **O percurso histórico da cultura drag: uma análise da cena queer carioca** / Danilo Simões Liu. Monografia (Bacharel em Comunicação - Publicidade e Propaganda) - Orientador: Denilson Lopes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4016/3/DSLiu.pdf>. Acessado em 25 de nov. 2020.

MESQUITA, M. L. Arte e gênero em rede: uma análise de imagens produzidas por drag queens e compartilhadas em ambientes de sociabilidade on-line. *Temática*; Ano XV, n. 4. Abril/2019. NAMID/UFPB. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/45291/22410>. Acessado em 02 de dez. de 2020.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

NASCIMENTO, D. E. do.; ANDREOLI, G. S.; WOLFFENBÜTTEI, C. R. "ESTAR EM DRAG É UM MANIFESTO": A PERFORMANCE DRAG QUEEN E O GÊNERO COMO POSIÇÃO IDENTITÁRIA. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 9, n. 17, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://revista.unespar.edu.br/index.php/revistaeduclings/article/view/88/62>. Acessado em 25 de nov. 2020.

PINHONI, M; OLIVEIRA, L. de. **Miss Biá, drag queen pioneira no Brasil, morre vítima de Covid-19 em SP aos 80 anos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/03/miss-bia-drag-queen-pioneira-no-brasil-morre-vitima-de-covid-19-em-sp-aos-80-anos.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2020.

PUREPEOPLE. **Pablo Vittar**. [s.d]. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/pablo-vittar_p548599. Acesso em: 26 nov. 2020.

ROCKENBACH, M. R. P. A imagem feminina nas propagandas de cerveja. *Revista Gestão, Científica de Administração, e sistema de informação*; v. vol. 12, n° 12, jan./jun, 2009.

SANTOS, T. H. R. dos. Considerações sobre a contribuição política e midiática do reality show RuPaul's Drag Race para o movimento LGBT. *Temática*; Ano XV, n. 4. Abril/2019. NAMID/UFPB. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/45328/22419>. Acessado em 02 de dez. de 2020.

SANTOS, A.; GASPARETO, A. C.; REAIS, J.; PAES, M. F.; CORDEIRO, N.; FERZINI, V.; GARCIA, W. F. Identidade Drag: a representação jornalística de minorias em uma plataforma multimidiática. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares

da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1768-1.pdf>. Acessado em 25 de nov. 2020.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VOGUE. **Inédito! Pablllo Vittar é a primeira drag do mundo a ganhar o EMA**: "resultado de muito trabalho e de muita luta". 2019. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/11/inedito-pablllo-vittar-e-primeira-drag-do-mundo-ganhar-o-ema-resultado-de-muito-trabalho-e-de-muita-luta.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.



**FLUXO
CONTÍNUO**

**Revista
Diálogos
(RevDia)**

ASSEMBLIES AND REPRESENTATIVITY: AN IMAGETICS ANALYSIS OF DRAG QUEENS ON THE COVERS OF BRAZILIAN FASHION MAGAZINE VOGUE

ABSTRACT:

From an image analysis of Drag Queens' representation, we seek to encourage reflections on issues related to diversity and inclusion. Methodologically, the article is characterized as "descriptive-exploratory". The corpus was composed of 04 covers of the magazine 'Vogue Brasil' published in the month of October 2020. The analyzes were made from the perspective of "Image Analysis". As a result, we can highlight that the dissemination of Drag art in the media, such as fashion magazines, becomes empowering for this social group, especially in a country where discrimination around these social actors is so present.

KEYWORDS:

Media; Social
Representation;
Drag Queens;
Fashion magazine;